



O Telejornalismo como Redução da Complexidade no Caso do NETV 1ª Edição¹

Denny Anderson Farias COSTA²
Alfredo Eurico Vizeu PEREIRA JUNIOR³
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Esse estudo foi voltado ao entendimento de como o telejornalismo acompanhou as mudanças sociais da percepção da notícia ocasionadas pela crescente interferência dos avanços tecnológicos; mudando suas estratégias de produção de notícia e ajudando, assim, a consolidar o próprio telejornalismo como lugar de referência na sociedade. Deste modo, este trabalho buscou algumas pistas para entender como o telejornalismo, por meio das próprias rotinas de trabalho, a cultura profissional e operações/construções jornalísticas acionadas pelos jornalistas, ajuda na vida cotidiana dos cidadãos ao tentar facilitar o entendimento desses sobre o mundo que os cerca ao diminuir as incertezas causadas pelo bombardeamento de notícias no dia-a-dia, possibilitado e agravado pelos avanços da tecnologia.

Palavras-chave

Telejornalismo; lugar de referência; redução das incertezas.

Introdução e fundamentação teórica

Hoje, a mídia, em particular, a televisão, mais especificamente, o noticiário televisivo, é a grande “Praça Pública” do País. É o *lugar* em que os grandes temas nacionais ganham visibilidade, convertendo o exercício de publicização dos fatos em algo maior: a possibilidade prática da democracia. No entanto, todo esse processo se desenvolve dentro das *regras* e *normas* específicas do campo midiático. Entende-se que a reflexão sobre esses processos, métodos e estratégias discursivas do jornalismo são de fundamental importância quanto a sua relevância, significado e eficácia nas sociedades democráticas.

Ao tratar o telejornalismo como um lugar de referência tem-se como entendimento que, em sociedades cada vez mais complexas, o jornalismo televisivo desempenha a função de um lugar de segurança para as pessoas. Quando se propõe esse

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo do CAC-UFPE, email: denny.costa@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do CAC-UFPE, email: vizeu@hotlink.br



conceito, tem-se como hipótese que o jornalismo televisivo representa um “lugar”, para os brasileiros, muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. Assistimos à televisão e vemos o mundo, ele está, ele nos vê.

E assim, tão importante quanto analisar o telejornalismo sob essa perspectiva, é buscar entendê-lo através de um estudo das duas rotinas diárias de produção de notícia, o dia-a-dia dos jornalistas dentro do seu ambiente comum que é a redação. Como explica Giddens (2003), as rotinas diárias desempenham um papel central na sociedade. Por isso, defende que a confiança na continuidade do mundo objetivo e no tecido da atividade social depende de certas conexões especificáveis entre os indivíduos e os contextos nos quais se movimentam no cotidiano. As rotinas de todos os dias de todos os cidadãos, então, segundo o autor, colaboram para fazer com que as coisas sejam como elas são e que continuem sendo, ou que continuem mudando, se readaptando às novas realidades e aos diferentes e/ou novos contextos que fazem parte do processo do viver.

Assim, faz-se necessário, também, alertar para um conceito que vem complementar o conjunto de idéias que dão base à proposta do telejornalismo como lugar de referência, que é o da seguridade ontológica. Conceito esse que denota a fé que a maior parte dos seres humanos tem na continuidade de sua identidade própria e na “estabilidade” dos meios circundantes de ação social e material. A crença na fidelidade das pessoas e das coisas, essencial a noção de confiança, é fundamental para os sentimentos de segurança ontológica. Sendo assim, o telejornalismo teria a capacidade de suscitar nos seus telespectadores a sensação dessa seguridade ontológica, conferindo ao seu público noções de estabilidade e confiança.

Quando assistimos à televisão adotamos o que Schutz (2003) denominou de atitude natural. Como observou o autor (2003), no dia-a-dia adotamos uma postura de suspensão da dúvida em relação ao cotidiano. Ou seja, cremos que as coisas são como estão evidenciadas na realidade. Isso não pode nos levar a raciocínio contrário, que as pessoas não têm dúvidas com relação ao que observam e percebem no seu cotidiano. Como uma forma de sobrevivência, elas suspendem a dúvida. Acreditamos que a televisão na sociedade contemporânea cumpre essa a função de reforçar que a realidade existe e que não estamos sozinhos no mundo.

Mundo esse que é cada vez mais transformado pelo *bombardeamento* de notícias que a todo o momento aproximam as pessoas e os eventos, encurtando as distâncias, graças, em grande parte, aos avanços tecnológicos; fortalecendo, assim, o conceito de



*aldeia global*⁴. As informações estão ao alcance de quem quiser tê-las, o que faz com que o fácil acesso e a *intemporalidade* sejam marcas do tempo moderno e impliquem mudanças na forma de pensar e fazer telejornalismo.

A intemporalidade é um conceito de Manuel Castells (1999) que, há mais de uma década, avaliou as transformações na mídia com a tecnologia, sugerindo um “Novo Sistema Eletrônico de Comunicação”. Assim, Castells afirmava que, com o progresso científico, o novo sistema de comunicação transformaria radicalmente as dimensões fundamentais da vida humana: o espaço e o tempo. O espaço, antes caracterizado pelo sentido cultural, histórico e geográfico, passa a ser identificado por sua produção cultural, sendo assim chamado de Espaço de Fluxos. Já o tempo, seria dividido entre a simultaneidade e a intemporalidade.

A simultaneidade é referente à ideia de notícias em tempo real, enquanto a intemporalidade refere-se à *colagem temporal* “em que não apenas se misturam gêneros, mas seus tempos tornam-se síncronos em um horizonte aberto sem começo, nem fim, nem sequência”. Nos telejornais esse aspecto é bem evidente, quando o espelho do telejornal⁵ vai sendo montado de acordo com o mais factual, o mais inédito, imprevisível, e não pela ordem cronológica dos acontecimentos. “Toda a ordenação dos eventos significativos perde seu ritmo cronológico interno e fica organizada em sequências temporais condicionadas ao contexto social de sua utilização”, causando assim o que Castells nomeou de intemporalidade.

Tomando como base essas transformações, partimos do pressuposto de que o telejornalismo cresce em importância em relação ao seu papel de organizar, selecionar e interpretar o mundo confuso pela quantidade excessiva de informação, facilitando, assim, o entendimento dos telespectadores, reduzindo as suas incertezas sobre o seu redor; merecendo esse aspecto ser estudado.

A priori, pensou-se em tratar da “redução da *complexidade*”. Mas *complexidade* é um conceito muito abrangente e que entra nos campos da filosofia e psicologia, sendo mais adequado utilizar a mesma denominação dada por Lorenzo Gomis (1991): *reducción de la incertidumbre*, a redução das incertezas do público, conceito dos Estudos e Teorias do Jornalismo. Redução que cria, segundo acreditamos, uma

⁴ Nomenclatura dada pelo filósofo Marshall McLuhan. Em *The Medium is the Message*, McLuhan afirma que vivemos em uma Aldeia Global, em que o tempo e o espaço desapareceram e na qual os meios eletrônicos nos une muito próximos, o mundo fica pequeno, como uma aldeia.

⁵ Espécie de roteiro a ser seguido a cada edição do telejornal, que contém a sequência das matérias que vão ao ar, assim como notas, os tempos dos blocos e dos VTs, as chamadas e o encerramento do telejornal.



identificação maior dos telespectadores com o telejornal, qualificando-o como lugar de referência, mesmo que essa (de tornar-se lugar de referência) não seja uma intenção clara e ambicionada pelos que produzem o telejornal, como será visto mais adiante nos resultados deste trabalho.

As teorias mobilizadas para este projeto envolvem os Estudos e Teorias do Jornalismo, a Construção Social da Realidade e as Representações Sociais. Esses conhecimentos ajudaram na tentativa de entender como se dá a construção da notícia; avaliando, no cotidiano da redação de telejornalismo, o contexto das representações sociais, além dos conceitos da própria área do jornalismo, como *gatekeeper* e *newsmaking*.

As representações sociais têm como finalidade primeira e fundamental tornar a comunicação, dentro de um grupo, *não-problemática*; ao reduzir os “vazios” que possam existir. Para isso, leva em conta um consenso pressuposto entre os seres sociais. Essas representações são formadas através de trocas, ou seja, através de negociações, até mesmo implícitas, e das influências recíprocas dos interlocutores que existem no curso das conversações.

Pelo simples fato de vivermos em comunidade e estarmos, mesmo que minimamente, sob condições de interação uns com os outros, há conhecimentos que adquirimos sem esforço algum. São exemplos a gramática e o senso comum. São as representações sociais que vêm dar um sentido às coisas ou explicar uma situação. Elas combinam nossa capacidade de perceber, inferir, compreender; são compostas de ideias coletivas, formadas no decorrer do tempo. As representações são aderidas pelas pessoas de maneira pública, de maneira social. Assim, elas são tão naturais, tão sutilmente presentes no nosso cotidiano, que é quase impossível separá-las, suprimi-las ou evidenciá-las isoladamente.

E a relação aqui proposta do telejornalismo com as representações sociais é justamente devido a esse seu caráter de dar sentido às coisas e explicar uma situação a alguém. Acreditamos que é por meio das crenças e representações sociais que o telejornalismo constitui uma das suas maneiras de chegar ao entendimento do público de forma mais completa, simples e rápida, assim como uma conversação informal entre dois amigos. Por conversação informal, aqui citada, não se pretende fazer relação, necessariamente, ao formato em que é feito, hoje, o NETV 1ª edição (particularizado aqui, pois é o objeto empírico deste estudo) – um formato descontraído, de forma mais despretensiosa, como será visto adiante.



A razão para se criarem essas representações é o desejo de nos familiarizarmos com o não-familiar. A motivação para a elaboração de representações sociais não é, pois, uma procura por um acordo entre nossas ideias e a realidade de uma ordem introduzida no caos de um fenômeno ou, para simplificar, um mundo complexo, mas a tentativa de construir uma ponte entre o estranho e o familiar. Além de formadas a fim de nos familiarizarmos com o estranho, as representações são formadas também para reduzir a margem de não-comunicação. (MOSCOVICI, 2003)

E esse aspecto, o de familiarizar o não-familiar, acreditamos, é um recurso, dentre os vários utilizados tendo em base as representações e crenças sociais, empregado pelos jornalistas do NETV1^a edição. Porque, como continua MOSCOVICI (2003), “para controlar uma ideia ou percepção estranhas, começamos por ancorá-lo em representações sociais existentes e é no curso dessa ancoragem que ele se modifica” e assim, facilita a compreensão (que no caso da televisão há de ser instantânea; diferente das mídias impressas nas quais é possível reler) e ajuda a caracterizar o telejornal como lugar de referência na sociedade.

Conceitos importantes como *gatekeeper* e *newsmaking* foram analisados no contexto de seus usos dentro da rotina de um telejornal, como nos momentos de edificação das notícias. Usando para esta parte, como bibliografia, o livro *Decidindo o que é Notícia* de PEREIRA JUNIOR (2005), que trata justamente da concepção da notícia, relacionando teoria, prática e a rotina dos jornalistas, os constrangimentos organizacionais e a cultura profissional, bem como os seus discursos.

Metodologia

A metodologia do trabalho constituiu-se em duas partes. Na primeira foi realizado um estudo da literatura sobre o tema para dar base às considerações teóricas e, conseqüentemente, fazer a preparação para ir à segunda fase. A leitura dos livros escolhidos como aporte teórico do trabalho mostrou-se básica para que fosse possível obter uma aproximação com o objeto de estudo mantendo o distanciamento necessário. Ou seja, ter novas percepções sobre o telejornalismo e, assim, fazer com que surgissem novos questionamentos que aprofundaram a pesquisa. No entanto, ao mesmo tempo em que a literatura escolhida trouxe proximidade com o objeto de estudo, ela também assumiu uma importante função que foi a de criar o distanciamento dos pré-conceitos formados, já que, apesar de pesquisadores, o contato com o campo e o objeto de estudo era grande e frequente, sendo necessário certo afastamento para que fosse possível



perceber e analisar mais corretamente, sem a tendência de naturalizar demais os acontecimentos, por estar em constante contato com o jornalismo; mas, pelo contrário, assumir a atitude de questionar tudo para entender de fato como se dá a concepção das notícias e suas implicações sociais, e, mais precisamente, no caso desse projeto, a tentativa de entender o telejornal como redutor das incertezas do público.

Na segunda fase, foi feita a pesquisa de campo em que se pretendia provar e/ou refutar o que havia sido estudado. Durante a pesquisa de campo, passou-se uma semana na redação do NETV 1ª edição em fase de observação. Participando das reuniões diárias de pauta, acompanhou-se a equipe, junto aos editores de texto e de imagens, anotando tudo o que fosse pertinente ao assunto e observando como a rotina poderia interferir no processo de concepção das notícias e do espelho do telejornal. Com relação a essa fase de observação-participante seguiu-se o método de investigação proposto por Casetti, Chio (1999). Os autores explicam que o objetivo principal desse tipo de observação é captar a realidade ao *vivo*, eliminando as mediações que podem *contaminar* os dados. Eles argumentam que em um trabalho etnográfico, quanto maior a permanência no grupo, mais possibilidades tem o observador de não ser percebido como uma presença estranha. Sendo fundamental, nessa fase, ter sido adotado um ar totalmente inquisitivo ao questionar até os mínimos acontecimentos, o que possibilitou uma análise mais minuciosa.

Depois, retornou-se em um dia marcado para realizar as entrevistas semi-estruturadas, nas quais os entrevistados têm maior liberdade e a entrevista vai sendo feita de acordo com suas respostas e considerações. Diferente das entrevistas dirigidas, que podem ocasionar algum tipo de interferência nas respostas ou dar um pré-direcionamento na continuidade da entrevista, alterando o resultado final. As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas a partir do exposto por Thiollent (1982). Segundo o autor, contrariamente à entrevista dirigida, não é proposta ao entrevistado uma completa estruturação do campo de investigação: é o entrevistado que detém a atitude de exploração. Ainda no trabalho de campo, foi feito o acompanhamento da atividade dos editores de texto (jornalistas) na edição (decupagem – seleção das imagens e falas), a edição propriamente dita (montagem e finalização do material decupado) e a elaboração das aberturas das matérias e do *script* (“roteiro” no telejornalismo); As pesquisas, bem como as gravações, serviram como material complementar ao estudo, já que o interesse maior foi pelo registro do trabalho de campo e a análise dos textos.



As entrevistas, realizadas no local de trabalho, tiveram como principal preocupação procurar identificar qual a ideia que os jornalistas têm do que é importante ir ao ar sobre Pernambuco, confrontar alguns dados colhidos na fase de observação e algumas perguntas sobre o telejornalismo referente ao presente estudo. Isso permitiu confrontar o trabalho de campo e a análise de textos com os relatos dos jornalistas. E, assim, tentar identificar como reduzem as incertezas do público e caracterizam-se como lugar de referência na sociedade.

Finalmente, com os dados teóricos e os relatórios da fase de campo, partiu-se para a etapa de análise e consequente conclusão da pesquisa. A análise foi feita tendo em base os elementos teóricos recolhidos na primeira fase e tendo os dados etnográficos (BEAUD, 2007) colhidos na segunda fase como complemento e reforço para os resultados alcançados.

E como citado anteriormente, foi escolhido como objeto empírico de estudo o NETV 1ª edição que vai ao ar pela Globo Nordeste no horário de almoço. Os motivos para essa escolha foram, de certa forma, óbvios: por ser um jornal de grande audiência, por se mostrar sempre preocupado em estabelecer uma relação cada vez mais próxima com os seus telespectadores, adotando, mais do que outros telejornais regionais, (hipótese baseada em observações de telespectadores, sem comprovação acadêmica) inovações que possam aumentar a identificação do público com o jornal televisivo e por ser um espaço bastante solícito a pesquisas acadêmicas.

Resultados e discussão

Constatou-se que a redução das incertezas é uma consequência direta da busca diária dos que fazem parte da equipe do NETV 1ª edição, que é a procura pela melhor compreensão das notícias pelos telespectadores. Pôde ser visto em algumas ocasiões, durante a etapa de observação, o uso de recursos que visavam o melhor entendimento do público, como o já discutido anteriormente neste trabalho, “familiarizar o não-familiar”, quando algo inusitado é ancorado em outra noção já de domínio público. Um exemplo que demonstra esse aspecto se deu quando, em fase de observação na redação, no dia 21 de abril de 2010, chegou a notícia de um acidente aéreo. O chefe de reportagem na ocasião queria chamar um especialista para explicar o modelo de avião – um monomotor – sua capacidade, para quê servia e outros aspectos. Ou, em outra situação, quando uma editora de texto pretendeu localizar Itaíba, na ocasião na qual teve um incêndio na cidade, colocando-a no agreste pernambucano, usando a distância em



relação à capital em quilômetros e colocando a cidade mais próxima para facilitar a visualização por parte dos telespectadores. Houve ainda a ideia de colocar uma arte com um mapa do estado e localizar Itaíba nele.

No entanto, quando questionados, eles não consideravam o NETV 1ª edição um redutor de incertezas, ou pelo menos essa nomenclatura não havia sido anteriormente por eles pensada. Relatavam que é básico do jornalismo buscar o entendimento do público, já que essa é sua função maior. Pôde ser notado que exercem, assim, um papel de “organizador do caos” (*caos* causado pela grande quantidade de informações em um curto espaço de tempo) quando informam e dão um *mapa* do que está acontecendo. Como esclareceu a diretora de jornalismo da Globo Nordeste, Jô Mazzarolo:

Eles (os telespectadores) têm o mapa do mundo que a gente passa para eles, pelo menos a parte que se informa só pela televisão; então a gente tem a responsabilidade de passar o mapa da forma mais abrangente possível e o mais próximo dele possível, porque pode acontecer que eles vejam de forma mais próxima o Irã e Iraque, ou esses problemas todos que acontecem no mundo, do que o sertão de Pernambuco. Nós como jornalistas temos que passar esse mapa regional e local tão bom quanto o que vem de fora. (...) Mas o telespectador também tem que ter equilíbrio nesses dois tipos diferenciados de informação.

Além disso, um aspecto interessante e importante levantado nessas etapas de pesquisa de campo foi, assim como se tinha percebido na fase de leitura pré-campo, o manuseio da linguagem como principal ferramenta de auxílio na busca do entendimento na comunicação. A linguagem é, de fato, o meio pelo qual se atinge o público, mais até do que imagens como se pode pensar. No caso, a imagem vem como auxílio da linguagem, como outra ferramenta. Claro que, se tratando de um telejornal, o recurso audiovisual tem uma grande importância, mas para os próprios jornalistas do NETV1ª edição é fundamental que, primeiramente, se tenha uma linguagem acessível a todos. Tendo já sido naturalizados questionamentos diários e recorrentes se o que estão produzindo para o telejornal está claro o suficiente.

Linguagem acessível, porém não ridicularizada, nem vulgar. Em entrevista, todos fizeram questão de ressaltar que fazer uso de uma linguagem de fácil acesso não significa menosprezar ou tratar o público como menos competente. Uma linguagem mais rebuscada só atenderia aqueles que têm um nível de educação elevado, o que é complicado em se tratando de um público tão diversificado quanto é o do NETV 1ª edição composto, basicamente, por crianças, donas de casa na faixa dos 30 anos, e outra



grande parcela de público acima de 50 anos; sendo os jovens os que menos assistem. Indagada sobre a linguagem usada no NETV 1ª edição, a diretora do jornalismo da Globo Nordeste, Jô Mazzarolo, explica que:

É um equívoco achar que a linguagem simples é depreciar um público mais letrado. A linguagem simples é para todos. O discurso bom é o discurso da simplicidade, mas tem de ser bem feito para atingir um público diversificado, sem vulgarizar. Uma coisa é esclarecer, o que não tem nada a ver com ofender. Jamais a simplicidade é uma ofensa à inteligência das pessoas. No dia que ela for ofensa, ela vai ser burrice.

Um dos editores de texto do telejornal concorda: “A gente entende que nosso papel é de tradutor (das fontes oficiais). Então a gente tenta trazer a linguagem da notícia o mais próximo da coloquialidade, o mais próximo de uma conversa, deixando simples, mas sem comprometer a credibilidade da notícia.”

A linguagem, então, funciona como instrumento redutor das incertezas à medida que, através do seu uso, gera a compreensão das notícias pelos telespectadores e proporciona, assim, um entendimento maior do mundo que os cerca, fazendo com que o *caos* provocado pelo *bombardamento* de informações seja apaziguado, restando a compreensão no seu lugar.

Outro aspecto que leva o telejornal a constituir-se um lugar de referência tem a ver com a própria *missão* do NETV 1ª edição (particularizado aqui, já que é o objeto empírico deste trabalho), que é de ser o jornal que mais retrata o cotidiano dos telespectadores. É o que mais tem responsabilidade sobre os núcleos dessas pessoas: os bairros, o ônibus, a escola, o posto de saúde. Não só mostrar o que existe de insuficiente ou ruim, mas trabalhar o serviço para o seu público: mostrar o que não está funcionando, o que está funcionando e, principalmente, ser um lugar em que os seus telespectadores são ouvidos; além, claro, das principais informações do dia. Então, no Brasil, onde as instituições, principalmente as governamentais, ficam desacreditadas, a imprensa ganha em importância, preenchendo uma lacuna. A audiência descobre que publicizando o problema na televisão, quem tem que resolvê-lo, a entidade competente, acaba solucionando, ou pelo menos dando uma resposta, pois há uma cobrança pública do que eles deveriam fazer. O telejornalismo como referência, aqui, é no sentido de certeza de um lugar em que o público tem voz, é ouvido e conta com que o jornal exerça seu poder midiático de cobrança. Os próprios telespectadores, que participam das pesquisas qualitativas promovidas pela Rede Globo Nordeste, dizem que o que eles



querem é que o telejornal cobre dos políticos que eles cumpram as promessas que eles fizeram na época das eleições.

Outro fator que chama a atenção é o formato do NETV 1ª edição que se baseia na ideia de abrir uma janela para uma conversa. Em que o esporte foi inserido dentro do telejornal (para que o mesmo fosse percebido como parte da família), no qual os apresentadores não estão “presos” a uma bancada, mas soltos no cenário, fazendo com que o jornal fique mais dinâmico, além da linguagem mais descontraída com ritmo de conversa, o que resulta em um clima de informalidade. A mudança foi exatamente para ficar mais próximo dos telespectadores. O telejornal é feito em “um tom de conversa entre dois ou três em que o quarto ou o terceiro seja aquele que está em casa. A proposta é conversar aqui e chamar quem está em casa para entrar nessa conversa”, explica Jô Mazzarolo. E continua: “os telespectadores acharam que é algo muito mais próximo, mais natural, mais humano”. Reflete justamente a ideia de identificação por parte do público com o produto jornalístico, que leva a fortificá-lo como um espaço de referência na sociedade. Anteriormente o NETV 1ª edição seguia o molde da maioria dos telejornais em que se jogava uma informação atrás da outra e não se levava muito em conta que as pessoas não têm a mesma capacidade e tempo de compreensão, principalmente quando considerada a diversidade da audiência desse telejornal. Percebeu-se, então, que o ritmo informal de conversa propicia uma melhor absorção e entendimento do que foi dito. Até porque, há que se ponderar o fato de a televisão não ser como a mídia impressa. A compreensão tem que ser imediata, pois não há, de maneira geral, como ver e ouvir de novo o que acabou de ser dito.

O produto jornalístico que é voltado para o público, para as suas necessidades e problemas, para ser sua voz midiática e de cobrança, tendo em foco prestar serviços à sua audiência, tem como finalidade e consequência direta constituir-se um espaço de confiança, um lugar de referência para quem o assiste. Sendo, então, natural a busca, cada vez maior, por parte dos jornalistas, do entendimento mais completo do seu público; sempre se adequando e renovando-se de acordo com as novas necessidades da sua audiência.

Pode-se entender, também, o telejornalismo como lugar de referência pela segurança que passa aos telespectadores, à medida que o telejornal passa ao telespectador a sensação de “calmaria” em meio ao “caos” provocado excesso de informação e, assim, ganha sua confiança:



A seguridade ontológica mostra a fé que a maior parte dos seres humanos tem na continuidade de sua identidade própria e na “estabilidade” dos meios circundantes de ação social e material. A crença na fidelidade das pessoas e das coisas, essencial a noção de confiança, é fundamental para os sentimentos de segurança ontológica. No que diz respeito ao telejornalismo poderíamos dizer que a forma como os telejornais organizam o mundo, procurando dar uma ordem ao caos circundante, torna-o mais que um lugar de segurança: um lugar de referência que tem como preocupação a redução da complexidade. (PEREIRA JUNIOR, 2008)

Há, também, a preocupação constante de realizar pesquisas e sempre estar em contato com a audiência para ver se o NETV 1ª edição está alcançando seus objetivos, se estão sendo claros nas notícias. Os profissionais que produzem o telejornal buscam obter a resposta do público sobre o que vem sendo feito. A televisão provoca uma resposta muito rápida, os telespectadores dão o retorno (por e-mail ou telefone) através de elogios ou reclamações. Assim, a equipe do telejornal tem a confirmação se estão sendo claros o suficiente ou não, e no que precisam melhorar. Além disso, tem-se a resposta pela pesquisa encomendada, na qual a Globo Nordeste não se envolve diretamente, em que são reunidos um grande número de pequenos grupos e são avaliados critérios qualitativos na recepção. Ainda contam, claro, com os números da audiência diária, que mostram se o NETV 1ª edição está “no caminho certo” ou não.

E, por fim, já sobre a ideia de lugar de referência propriamente dita, quando perguntado aos editores de texto da possibilidade do telejornalismo como lugar de referência, eles não sabiam se essa informação era correta, ou ficavam “surpresos” com a ideia, já que tomar esse lugar na sociedade não é uma busca clara diariamente, ou seja, não é uma pretensão anunciada. Os entrevistados aceitavam como possível, que fazia sentido o jornalismo se constituir um lugar de referência, mas afirmaram que não pensavam nisso no dia-a-dia, que a preocupação maior era a busca do entendimento do público, e se isso vai ocasionar o jornal ser um lugar de referência, para eles, é uma consequência natural.

Conclusões

Verificamos que a redução das incertezas faz parte do cotidiano telejornalístico, já que é consequência direta da busca incessante dos jornalistas pela maior compreensão das notícias por parte de seu público. Utiliza-se a linguagem simples e as representações sociais como instrumentos que possibilitam um maior entendimento das notícias pelos telespectadores e proporcionam, assim, uma percepção maior e mais completa do



mundo que os cerca. Fazendo com que o *caos* provocado pelo *bombardamento* de informações seja apaziguado, restando a compreensão no seu lugar.

Além disso, o telejornalismo não é estanque, ao contrário, a dinamicidade é uma de suas fortes características, então é importante estar em contato com os telespectadores, ouvindo-os tanto como participantes ativos da construção do jornal, como suas críticas e elogios para saber se o produto produzido está cumprindo sua função de informar com qualidade sua audiência, seja através de pesquisas, telefonemas, e-mail ou qualquer outra forma. Ter o público no processo de construção do jornal ajuda a se consolidar como lugar de referência na sociedade.

Assim, o jornalismo feito, de fato, para seu público, para as suas necessidades, problemas, para ser sua voz midiática e força de cobrança pública, voltado aos serviços para a sua audiência, tem como consequência direta, mesmo que não seja sua finalidade consciente, constituir-se um espaço de confiança, lugar de referência para quem faz parte de seu público.

Esse estudo aponta, então, para um caminho pouco estudado até o momento, em que coloca o telejornalismo como um lugar de referência, mais do que apenas um produto comercial informativo, mas como um instrumento social de grande importância quando realiza – além do seu papel de ajudar a informar e formar cidadãos – a função, por nós proposta, de “reduzir as incertezas” e, assim, simplificar o mundo que cerca os telespectadores e o seu cotidiano. Sendo interessante que outros pesquisadores aprofundem essa perspectiva e opte por pesquisar e enveredar no telejornalismo, nas pesquisas em telejornalismo, por essa linha de raciocínio que propusemos.

Referências bibliográficas

BEAUD, S. & WEBER, F. **Guia para a Pesquisa de Campo: Produzir e Analisar Dados Etnográficos**. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Paz e Terra. São Paulo, 1999.

CASSETTI, F, CHIO, F. **Análisis de la televisión : instrumentos, métodos e prácticas de investigación**. Barcelona : Paidós, 1999.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo : Martins Fontes, 2003.



GOMIS, L. **Teoría del periodismo: cómo se forma el presente.** Paídos. Barcelona, 1991.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais – Investigações em Psicologia Social.** Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2003.

PEREIRA JUNIOR, A. E. V. **Decidindo o que é Notícia.** EDIPUCRS. Rio Grande do Sul, 2005.

PEREIRA JUNIOR, A. E. V. **O telejornalismo como lugar de referência: a redução da complexidade nas sociedades contemporâneas.** 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2008.

SCHUTZ, A. **El problema de la realidad social.** Buenos Aires : Amorrortu, 2003.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** 3.ed. São Paulo : Polis, 1982.